

## **SEGURANÇA GLOBAL, LOGÍSTICA E PRODUÇÃO EM MERCADOS INTERNACIONAIS**

**WANDERSON DOS REIS LAPA**

UNIVERSIDADE JOSÉ DO ROSÁRIO VELLANO (UNIFENAS)

**LUCAS COUTO MOREIRA**

UNIVERSIDADE JOSÉ DO ROSÁRIO VELLANO (UNIFENAS)

**ÉRIKA LOUREIRO BORBA**

UNIVERSIDADE JOSÉ DO ROSÁRIO VELLANO (UNIFENAS)

**SANDRA DE SOUZA ALVES**

**ANA MARIA SANTANA DO AMARAL**

UNIVERSIDADE JOSÉ DO ROSÁRIO VELLANO (UNIFENAS)

### **Agradecimento à órgão de fomento:**

Agradeço à equipe organizadora do SemeAD 2025 pelo compromisso acadêmico, pelo incentivo à produção científica de qualidade e pela oportunidade de integrar este importante espaço de reflexão sobre temas contemporâneos. Eventos como este fortalecem a pesquisa aplicada, promovem o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento e contribuem para a formação de redes acadêmicas e profissionais que impulsionam a inovação e o desenvolvimento no campo da Administração Pública, da Teoria Econômica e da questão política que o cerca.

# **TÍTULO: SEGURANÇA GLOBAL, LOGÍSTICA E PRODUÇÃO EM MERCADOS INTERNACIONAIS**

## **INTRODUÇÃO**

O processo de globalização intensificou a integração entre os mercados internacionais, permitindo a consolidação de cadeias produtivas complexas e altamente interdependentes. Esse modelo, embora eficiente sob a lógica da redução de custos e da especialização geográfica, demonstrou notável fragilidade diante de eventos críticos, como a pandemia de COVID-19, as tensões geopolíticas entre grandes potências, desastres ambientais e as flutuações monetárias internacionais.

Nesse cenário, emergem novas exigências para os países e empresas que desejam manter a estabilidade de seus fluxos produtivos: diversificação de fornecedores, descentralização fabril, estoques estratégicos, logística adaptável, soberania energética e monetária. Ao mesmo tempo, a ascensão de blocos econômicos regionais, as disputas comerciais entre Estados Unidos e China e os movimentos por moedas digitais e acordos bilaterais apontam para um mundo cada vez mais multipolar, no qual a segurança da produção e do abastecimento passa a ser tratada como um elemento de soberania nacional.

Assim, a pergunta que norteou esse estudo foi: como os sistemas produtivos globais podem ser reorganizados para garantir maior segurança, resiliência e sustentabilidade diante das crises contemporâneas?

A partir de uma abordagem interdisciplinar, que articula elementos da geopolítica, da economia internacional, da engenharia logística e da sustentabilidade, este estudo tem como objetivo geral: analisar os desafios e as estratégias contemporâneas de reconfiguração das cadeias produtivas globais, com ênfase nos aspectos logísticos, industriais, alimentares, energéticos e monetários, destacando o papel dos países emergentes na construção de um novo paradigma de segurança global.

E como objetivos específicos tem-se: i) Investigar as principais vulnerabilidades expostas nas cadeias produtivas globais diante de eventos críticos recentes, como pandemias, conflitos armados e eventos climáticos extremos; ii) Examinar alternativas logísticas e produtivas para a construção de cadeias mais descentralizadas, seguras e sustentáveis; iii) Avaliar os impactos das guerras comerciais e da centralização monetária na estabilidade do comércio internacional.

O estudo se faz relevante tendo em vista que os eventos citados revelaram que o sistema econômico mundial, baseado na lógica do “just-in-time” e na centralização da produção em poucos polos industriais, carece de resiliência diante de choques sistêmicos do mercado.

Palavras-chave: Segurança global. Logística. Produção industrial. Mercados internacionais. Economia global. Sistema monetário.

## **1. SEGURANÇA INDUSTRIAL E PRODUTIVA NO PERÍODO PÓS-PANDEMIA**

A segurança industrial global passou por uma reavaliação profunda a partir do impacto causado pela pandemia de COVID-19, que revelou a vulnerabilidade das cadeias de suprimentos concentradas em poucas regiões do mundo. A paralisação industrial na China, em Taiwan e em

outros polos asiáticos durante o ano de 2020 evidenciou o risco de se depender excessivamente de um único território para insumos essenciais, como semicondutores, produtos farmacêuticos e componentes industriais.

### **1.1 A vulnerabilidade da produção global durante a pandemia**

O modelo de produção "just-in-time", amplamente utilizado por grandes multinacionais, mostrou-se frágil diante das interrupções logísticas geradas pelas medidas sanitárias de contenção do vírus. Conforme análise da McKinsey & Company (2020), cerca de 75% das empresas globais relataram interrupções significativas nas suas cadeias de suprimento nos primeiros seis meses da pandemia. A China, maior exportadora mundial, teve queda de mais de 13% na sua produção industrial em fevereiro de 2020. Taiwan, epicentro mundial na produção de chips semicondutores, viu sua produção reduzir em 40%, o que afetou setores inteiros, como a indústria automotiva, a de tecnologia da informação e a de eletrodomésticos (FMI, 2021).

No Ocidente, os efeitos foram sentidos de forma aguda no mercado de serviços, com paralisações de atividades presenciais, e no setor agrícola, devido à escassez de insumos importados. Segundo a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2024), os preços de fertilizantes subiram entre 60% e 75% em 2021, comprometendo a produção de alimentos em diversos países em desenvolvimento.

### **1.2 Estoques estratégicos e descentralização produtiva como resposta**

A pandemia e outros eventos recentes — como a guerra na Ucrânia e desastres ambientais — geraram um consenso entre especialistas sobre a necessidade de descentralizar a produção industrial e manter estoques mínimos estratégicos. A teoria da resiliência logística, defendida por Yossi Sheffi (2005, p. 41–48), aponta que “a capacidade de adaptação às rupturas está diretamente ligada à redundância na malha produtiva e à diversificação geográfica”.

Guerras regionais, como a da Ucrânia, criaram gargalos logísticos em setores-chave, pois Rússia e Ucrânia respondiam por cerca de 35% das exportações globais de trigo (USDA, 2022) e quase 20% dos fertilizantes nitrogenados em 2020–2021 (USDA, 2023). A destruição de portos e ferrovias no Mar Negro elevou os custos logísticos globais e comprometeu a segurança alimentar de países do Oriente Médio e da África, que dependem em mais de 30% dessas exportações (UNCTAD, 2022).

A resposta a essa vulnerabilidade envolve a formulação de acordos internacionais que incentivam a criação de polos produtivos em regiões emergentes, a fim de desconcentrar a produção. A proposta chinesa da Nova Rota da Seda (Belt and Road Initiative) inclui a construção de zonas industriais no Sudeste Asiático, África e América Latina, sinalizando um novo paradigma de integração logística global (Bharti & Kumari, 2024; Robles, 2023).

Além disso, países como Japão, Alemanha e Coreia do Sul já implementam modelos de reserva estratégica de componentes eletrônicos e insumos farmacêuticos. No Brasil, o Plano Nacional de Logística 2035 (PNL 2035) aponta a importância de corredores logísticos resilientes e de estruturas de armazenagem próximas a centros de consumo e produção como resposta a futuras crises sistêmicas.

Diante disso, a segurança industrial pós-pandemia passa necessariamente pela construção de cadeias produtivas mais robustas, com capacidade de reagir rapidamente a choques externos,

sem depender exclusivamente de uma única região produtiva. A resiliência será, portanto, o novo nome da competitividade industrial global.

## **2. ALTERNATIVAS CIENTÍFICAS PARA MATÉRIAS-PRIMAS E ENERGIA**

A economia global depende de forma crítica de matérias-primas concentradas em poucas regiões geográficas. Essa dependência expõe as cadeias produtivas a choques severos em caso de conflitos, desastres naturais ou decisões políticas protecionistas. Analisa-se aqui o impacto da concentração produtiva em recursos estratégicos como cobre e petróleo, apresentando alternativas científicas e experiências históricas que apontam caminhos para uma maior segurança material e energética global.

### **2.1 A concentração de recursos estratégicos e seus riscos geopolíticos**

O cobre é essencial para a transição energética, especialmente em sistemas elétricos, veículos elétricos e tecnologias verdes. Segundo o United States Geological Survey (USGS, 2023), o Chile detém aproximadamente 28% da produção global de cobre. Essa concentração cria vulnerabilidades severas. Uma greve nas minas chilenas, uma instabilidade política local ou desastres naturais como terremotos podem paralisar parcialmente a oferta global. Em 2022, a instabilidade no governo chileno provocou flutuações no preço do cobre acima de 15% em poucas semanas.

No campo energético, o petróleo ainda domina como fonte principal. A Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) e os países do Oriente Médio são responsáveis por mais de 40% da produção global (EIA, 2023). O recente conflito entre Israel e Irã em 2024 causou um salto no preço do barril de petróleo Brent, que passou de US\$ 78 para US\$ 109 em apenas 15 dias (Reuters/Bloomberg, 2024). O aumento afetou diretamente o custo de transporte e produção global, além de estimular a inflação em países dependentes de importações.

### **2.2 O caso brasileiro: etanol como inovação energética**

Durante a crise do petróleo nas décadas de 1970 e 1980, o Brasil lançou o Proálcool (Programa Nacional do Álcool), que estimulou a produção e consumo de etanol como combustível alternativo. A iniciativa colocou o Brasil na vanguarda das energias renováveis, sendo atualmente um dos líderes mundiais na produção de biocombustíveis. Segundo Goldemberg (2018), "o Proálcool representou uma inovação institucional e tecnológica com resultados ambientais e econômicos expressivos".

Hoje, o etanol e o biodiesel representam mais de 18% da matriz de combustíveis líquidos no Brasil (EPE, 2023). A biomassa da cana-de-açúcar ainda é um modelo replicável em regiões tropicais, oferecendo uma alternativa renovável à dependência do petróleo.

Dessa forma, o Proálcool consolidou-se como um marco na trajetória energética brasileira, evidenciando a capacidade do país de desenvolver soluções autônomas e sustentáveis diante de crises globais. A continuidade desse modelo, sustentado pela biomassa da cana-de-açúcar, demonstra que a diversificação da matriz energética pode aliar competitividade econômica, segurança estratégica e compromisso ambiental. Além de reforçar a soberania energética nacional, a experiência brasileira serve como referência para outros países em desenvolvimento que buscam alternativas renováveis adaptadas às suas realidades climáticas e produtivas.

### **2.3 Petróleo de rocha nos EUA: o shale revolution e suas implicações**

A chamada "Revolução do Shale" nos Estados Unidos redefiniu o mercado energético global. Através de técnicas de fraturamento hidráulico e perfuração horizontal, os EUA passaram a explorar petróleo e gás em formações de xisto (shale formations). Em 2023, os EUA lideraram a produção mundial de petróleo, com 12,9 milhões de barris por dia (U.S. Energy Information Administration - EIA, 2023).

Essa inovação tecnológica barateou os custos energéticos internos, reduziu a dependência de importações e fortaleceu a segurança energética norte-americana. Economistas como Daniel Yergin (2024, p. 3) afirmam que “energy independence ...is actually ‘energy independent’ in terms of physical supply”, conectando essa independência à estabilidade da política externa dos EUA, especialmente no Oriente Médio.

Esse processo transformou profundamente a geopolítica energética global, ao reposicionar os Estados Unidos como potência exportadora e reduzir sua vulnerabilidade frente a crises internacionais de abastecimento. Além dos efeitos econômicos internos — como a geração de empregos e a atração de investimentos para o setor de energia —, a "Revolução do Shale" também conferiu aos EUA maior autonomia nas negociações diplomáticas, especialmente com países da OPEP e regiões historicamente estratégicas como o Oriente Médio. Dessa forma, a inovação tecnológica não apenas redefiniu o perfil energético norte-americano, mas também ampliou sua margem de manobra geopolítica no cenário internacional.

### **2.4 Aplicações para países emergentes e o papel da inovação**

A replicação do modelo de exploração não convencional pode ser economicamente viável em países com recursos naturais abundantes, desde que acompanhada de inovação local e regulação ambiental adequada. O hidrogênio verde, produzido por eletrólise da água com energia renovável, surge como uma das mais promissoras alternativas para países tropicais, especialmente no hemisfério sul.

A Coreia do Sul e o Japão já estabeleceram metas de neutralidade de carbono com base na transição para o hidrogênio. A China investe massivamente em energia solar e eólica, além de controlar mais de 70% da cadeia de produção de baterias de lítio. Segundo Ha-Joon Chang (2009, p. 484), “produtores em países em desenvolvimento que entram em novas indústrias precisam de um período de (parcial) proteção da concorrência internacional [...] se desejam desenvolver indústrias avançadas”.

Portanto, a segurança material e energética global exige investimento em ciência, inovação e parcerias estratégicas. A diversificação geográfica e tecnológica será fundamental para mitigar choques externos, garantir competitividade e promover desenvolvimento sustentável.

## **3. PRODUÇÃO AGRÍCOLA E SEGURANÇA ALIMENTAR**

A segurança alimentar global é um dos pilares mais críticos da estabilidade internacional. Eventos climáticos extremos, pandemias, conflitos armados e interrupções logísticas colocaram

a produção agrícola sob constante risco. O mundo enfrenta atualmente o desafio de alimentar uma população crescente, projetada para atingir 9,8 bilhões até 2050 (ONU, 2024). A produção agrícola precisa, portanto, ser tecnologicamente aprimorada, logisticamente eficiente e estrategicamente planejada para garantir o abastecimento alimentar seguro e contínuo (FAO et al., 2023).

### **3.1 Avanços científicos e tecnologias aplicadas à agricultura**

A agricultura de precisão tem se consolidado como uma das inovações mais transformadoras do setor agropecuário. A utilização de sensores, drones, sistemas de georreferenciamento, softwares de mapeamento e equipamentos automatizados permite aos produtores monitorar em tempo real variáveis como umidade do solo, índices de vegetação, variações climáticas e demanda hídrica. De acordo com a EMBRAPA (2021), essas tecnologias podem reduzir em até 20% o uso de insumos e aumentar em até 15% a produtividade, além de minimizar impactos ambientais. Nos Estados Unidos, Canadá e partes do Brasil, a adoção dessas ferramentas tem gerado ganhos expressivos em eficiência logística, rentabilidade e sustentabilidade da produção agrícola.

A biotecnologia também desempenha papel fundamental na modernização da agricultura. Técnicas de engenharia genética permitiram o desenvolvimento de culturas, como milho Bt e soja RR, mais resistentes a pragas, secas e variações de temperatura. Países como China e Índia estão entre os maiores investidores em pesquisa genômica aplicada a variedades adaptadas a diferentes microclimas (ISAAA, 2023; FAO, 2022).

### **3.2 Armazenagem estratégica e logística integrada**

Mesmo com produção eficiente, a falta de infraestrutura de armazenagem pode comprometer o abastecimento. No Brasil, o déficit de silos para grãos chega a mais de 100 milhões de toneladas, o que gera perdas pós-colheita estimadas em 15% ao ano (CONAB, 2023). Países como os Estados Unidos possuem estrutura integrada de armazenagem e escoamento via ferrovias, com terminais logísticos intermodais que conectam as regiões produtoras aos portos de exportação (USDA/AMS, 2022).

O Brasil enfrenta gargalos logísticos principalmente no Centro-Oeste, maior polo de produção agrícola. A dependência de rodovias eleva o custo de frete e aumenta o tempo de escoamento. Projetos como a Ferrogrão e a expansão da Ferrovia Norte-Sul são essenciais para mudar esse cenário. De acordo com o Plano Nacional de Logística (PNL 2035), a interligação ferroviária poderá reduzir os custos de transporte agrícola em até 40%.

Portanto, a superação dos gargalos logísticos e do déficit de armazenagem no Brasil é condição indispensável para assegurar a competitividade do agronegócio e a segurança alimentar nacional e internacional. Investimentos em infraestrutura intermodal, especialmente em ferrovias e estruturas de armazenagem próximas aos centros de produção, são estratégicos para reduzir perdas, otimizar o escoamento e ampliar a inserção do país nos mercados globais. A eficiência logística, nesse contexto, torna-se um vetor de desenvolvimento sustentável e de valorização da produção agrícola brasileira em escala global.

### **3.3 Cooperação internacional e análise atmosférica integrada**

A produção de alimentos também depende de previsões meteorológicas precisas e monitoramento ambiental contínuo. Sistemas de análise atmosférica em tempo real, como os desenvolvidos pela Japan Meteorological Agency (JMA) e pela NOAA (National Oceanic and Atmospheric Administration), permitem antecipar eventos climáticos extremos, como secas prolongadas e inundações.

A criação de redes de cooperação entre blocos econômicos para compartilhamento de dados climáticos pode ser determinante para prevenir quebras de safra em países vulneráveis. A União Europeia investe no programa Copernicus, que usa satélites para prever variações climáticas com meses de antecedência, oferecendo suporte técnico a países em desenvolvimento.

Além disso, parcerias como o Programa Sul-Sul de Cooperação Agrícola entre Brasil e países africanos têm contribuído para a transferência de tecnologias tropicais e sistemas agroecológicos sustentáveis. Como afirma o agrônomo José Graziano da Silva (2015), "A cooperação internacional será decisiva para um salto na pesquisa. Nem todos os países têm condições de arcar com custos de adaptação e desenvolvimento de variedades mais resistentes à seca, para citar um desafio premente. Quem tem, caso do Brasil com a Embrapa, por exemplo, deve compartilhar suas descobertas com nações mais pobres".

A segurança alimentar, portanto, não é apenas uma questão de produção, mas de integração tecnológica, infraestrutura eficiente e solidariedade internacional.

## **4. GUERRA COMERCIAL**

As guerras comerciais são manifestações de disputas geopolíticas travadas através de barreiras tarifárias e não tarifárias, cujo objetivo é proteger mercados internos, conter concorrência estrangeira e reposicionar cadeias produtivas globais. A mais emblemática do século XXI foi a guerra comercial entre Estados Unidos e China, iniciada em 2018 pelo governo Trump, com impactos diretos na inflação global, no comércio internacional e na estrutura logística mundial.

### **4.1 Impactos da guerra tarifária EUA-China**

O governo norte-americano, alegando práticas comerciais desleais da China — como o subsídio estatal a indústrias e o uso de propriedade intelectual estrangeira — impôs tarifas adicionais sobre cerca de US\$ 370 bilhões em produtos chineses. A China respondeu com tarifas sobre US\$ 110 bilhões em importações dos EUA, afetando principalmente o setor agrícola e automotivo (World Bank, 2021).

Essas medidas elevaram os preços dos bens de consumo nos Estados Unidos e provocaram disfunções nas cadeias globais de suprimento. Um estudo do National Bureau of Economic Research (Fajgelbaum et al., 2020) estimou que as tarifas custaram ao consumidor norte-americano mais de US\$ 800 por família ao ano. A inflação de bens manufaturados aumentou em 1,5% em média no período entre 2018 e 2020.

### **4.2 Realocação da produção e desafios logísticos**

A tentativa de deslocar fábricas do Oriente para países ocidentais revelou-se logisticamente complexa e economicamente onerosa. A infraestrutura industrial da Ásia, especialmente China, Vietnã, Coreia do Sul e Taiwan, é fruto de décadas de planejamento estatal, mão de obra

especializada e redes logísticas interconectadas. Segundo Dani Rodrik (2022), realocar a produção sem uma política industrial estruturada é inativa e contraprodutiva, especialmente quando comparada ao modelo chinês, cuja política estatal foi responsável pela redução expressiva no custo das energias renováveis.

Embora países como Vietnã e Índia tenham atraído parte das indústrias de baixo valor agregado, a substituição integral da capacidade produtiva chinesa mostrou-se inviável no curto prazo. Além disso, a pandemia de COVID-19, que surgiu logo após o ápice da guerra comercial, agravou ainda mais os gargalos logísticos globais e encareceu os fretes marítimos. Em 2021, o custo médio do contêiner subiu de US\$ 1.500 para mais de US\$ 10.000, segundo a Drewry Supply Chain (Bolton, 2021).

### **4.3 Consequências geopolíticas e lições para os mercados internacionais**

A guerra comercial entre as duas maiores potências econômicas do mundo causou insegurança jurídica em contratos internacionais, desconfiança entre blocos comerciais e fortalecimento de iniciativas regionais alternativas, como o Regional Comprehensive Economic Partnership (RCEP), liderado pela China e assinado por 15 países da Ásia-Pacífico em 2020 (KURLANTZICK, 2020; BROOKINGS, 2020).

Essa guerra também acelerou o movimento de “friendshoring” — a preferência por produzir em países politicamente alinhados — e “reshoring” — o retorno da produção ao país de origem. Contudo, ambos os movimentos possuem limitações práticas, como a escassez de mão de obra industrial nos EUA e na Europa e o alto custo de reinvestimento em infraestrutura (ROJAS et al., 2022; KUDRENKO, 2023).

Para os países emergentes, as lições da guerra tarifária incluem a necessidade de fortalecer seus parques industriais, diversificar exportações e investir em infraestrutura logística própria. O Brasil, por exemplo, pode aproveitar sua posição estratégica para atrair investimentos produtivos, desde que promova reformas estruturais e ofereça segurança regulatória (KURNIAWAN & LUTFI, 2023).

Em síntese, guerras comerciais não apenas distorcem os fluxos de comércio, mas comprometem a previsibilidade dos mercados e elevam os custos logísticos e produtivos globais. A estabilidade comercial depende, portanto, da diplomacia multilateral, da regulação internacional e da construção de zonas produtivas integradas.

## **5. SISTEMA DE TEIA PRODUTIVA E INTEGRAÇÃO ENTRE MERCADOS**

A noção de um sistema de "teia produtiva" global refere-se à interligação estratégica de unidades fabris e centros logísticos distribuídos por diferentes regiões, permitindo que a produção de um mesmo bem seja compartilhada entre países distintos, aumentando a resiliência frente a choques externos. Este modelo rompe com a lógica linear da cadeia de suprimentos tradicional e dá lugar a uma malha interdependente, onde redundância, flexibilidade e resposta rápida a crises tornam-se pilares centrais da competitividade global.

### **5.1 O modelo asiático e a produção distribuída**

Países do leste asiático, como Japão, Coreia do Sul, China, Vietnã e Taiwan, construíram ao longo das últimas décadas uma verdadeira rede de complementariedade industrial. Um smartphone vendido nos Estados Unidos, por exemplo, pode conter peças eletrônicas produzidas na Coreia do Sul, baterias fabricadas na China, sensores ópticos japoneses e montagem final realizada no Vietnã (DUKE GLOBAL VALUE CHAINS PROJECT, 2016; ILO, 2022).

Esse modelo de produção distribuída é gerido por grandes multinacionais com plantas em diversas localizações, seguindo o conceito de "multi-site manufacturing". A Toyota, por exemplo, mantém linhas de produção semelhantes em diferentes continentes, garantindo fornecimento contínuo mesmo diante de interrupções regionais. Conforme Richard Baldwin (2012, p. 3), "the world's factory is now organized by firms, not countries", o que enfatiza que as cadeias de produção globais são controladas por corporações multinacionais, e não por limites nacionais.

Esse modelo asiático de produção distribuída representa uma evolução estratégica das cadeias globais de valor, ao privilegiar a interdependência entre países e a flexibilidade operacional das empresas diante de crises regionais. A fragmentação geográfica da manufatura, articulada por multinacionais, permite ganhos em escala, redução de riscos e maior capacidade de resposta a choques externos. Com isso, os países do leste asiático consolidam sua posição como pilares fundamentais da economia global, demonstrando que a integração produtiva e a cooperação regional são caminhos viáveis para alcançar resiliência, inovação e competitividade no cenário internacional.

## **5.2 Benefícios da teia produtiva global**

A principal vantagem da integração produtiva multinacional é a mitigação de riscos. Ao descentralizar a produção, as empresas evitam colapsos totais em situações como desastres naturais, pandemias ou guerras locais. A pandemia de COVID-19 mostrou que empresas com produção integrada em múltiplas regiões retomaram as operações mais rapidamente que aquelas centralizadas em um único país.

Além disso, essa estrutura permite uma otimização de custos com base nas vantagens comparativas de cada país: mão de obra barata, incentivos fiscais, acesso a matérias-primas e acordos comerciais. Também possibilita ganhos em escala, inovação colaborativa e aprendizado interorganizacional (OECD, 2020).

A institucionalização de zonas de livre comércio e a harmonização regulatória entre países têm papel central na efetivação da teia produtiva. Blocos como a União Europeia (UE), o Mercosul, a Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) e o novo Acordo Estados Unidos–México–Canadá (USMCA) são exemplos de como estruturas jurídicas regionais facilitam o compartilhamento produtivo.

A integração logística — com investimentos em infraestrutura, corredores multimodais e digitalização alfandegária — também é um componente essencial. Segundo a Organização Mundial do Comércio (OMC, 2022), "a conectividade física e digital entre países é fundamental para ampliar a eficiência das cadeias globais de valor e garantir sua resiliência".

Países em desenvolvimento, como o Brasil, podem se beneficiar amplamente desse modelo ao integrar suas cadeias industriais às de economias mais avançadas. A construção de polos tecnológicos em parceria com empresas estrangeiras, a adesão a acordos comerciais multilaterais e a modernização da legislação trabalhista e tributária são passos necessários para esse processo.

O exemplo do México é emblemático. Graças ao NAFTA (atualmente USMCA), o país tornou-se uma das maiores plataformas de montagem de veículos e produtos eletrônicos do mundo. A lição é clara: a integração produtiva requer políticas industriais ativas, estabilidade institucional e visão estratégica de longo prazo (DUKE GLOBAL VALUE CHAINS PROJECT, 2016; KURLANTZICK, 2020).

Assim, o sistema de teia produtiva global configura-se como uma alternativa estratégica à concentração de risco e uma ferramenta vital para a segurança econômica em tempos de incerteza. Em vez de dependência, propõe-se a interdependência inteligente como eixo central da produção do século XXI.

## **6. SEGURANÇA MONETÁRIA EM PERÍODOS DE GUERRA COMERCIAL E QUEBRA DE SOBERANIA**

### **6.1 O domínio do dólar e seus efeitos sobre a soberania econômica**

Desde os Acordos de Bretton Woods, o dólar tem ocupado a posição de principal moeda de reserva e de liquidação internacional. Aproximadamente 59% das reservas cambiais globais ainda estão denominadas em dólar (FMI, 2023). Essa hegemonia permite aos Estados Unidos, exercer poder econômico extraterritorial por meio de mecanismos como o SWIFT, o sistema de compensação internacional sob influência de Washington.

Em 2022, após a invasão da Ucrânia, os EUA e a União Europeia suspenderam o acesso de diversos bancos russos ao **SWIFT**, congelaram ativos do Banco Central da Rússia e impuseram restrições ao comércio internacional russo. Essa ação foi considerada por muitos analistas como o início de uma nova era de “guerra financeira” (BOWN, 2023). O ex-presidente russo Dmitry Medvedev declarou que “a soberania monetária é tão estratégica quanto a militar” (MEDVEDEV, 2022)

### **6.2 A inflação como reflexo da centralização monetária**

A dependência do dólar também transmite choques inflacionários para economias periféricas. A elevação das taxas de juros pelo Federal Reserve entre 2022 e 2023, por exemplo, fortaleceu o dólar e desvalorizou moedas de países emergentes, encarecendo importações e ampliando pressões inflacionárias locais. Como observa Stiglitz (2010), variações abruptas no câmbio podem ser devastadoras para países em desenvolvimento, ao comprometer a estabilidade econômica e levar empresas à falência.

Países da América Latina e da África, ao importar energia e alimentos em dólar, sofrem os efeitos de uma moeda forte e volátil. A necessidade de manter reservas cambiais em dólar compromete a autonomia de políticas monetárias nacionais.

### **6.3 Alternativas em desenvolvimento: yuan, moedas digitais e acordos bilaterais**

Diante da instabilidade provocada pela centralidade do dólar, países têm buscado alternativas. A China tem promovido o uso do yuan em transações internacionais, especialmente com parceiros asiáticos, africanos e latino-americanos. Em 2022, mais de 20% das importações chinesas de petróleo foram liquidadas em yuan (PBOC, 2023).

Paralelamente, os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) discutem a criação de uma moeda digital lastreada em uma cesta de commodities, buscando uma plataforma de pagamento independente. O economista brasileiro Paulo Nogueira Batista Jr. (2024) afirma que a criação de uma nova moeda de reserva em cesta “é relativamente simples” e destaca que os pagamentos bilaterais com moedas locais não são suficientes para sustentar um sistema eficiente — reforçando a necessidade de uma moeda comum que reduza a vulnerabilidade cambial dos países do Sul Global.

Além disso, acordos bilaterais de swap cambial e o uso de moedas locais têm se expandido. Em 2023, o Brasil e a Argentina firmaram acordos para ampliar o uso do real e do peso no comércio bilateral (STEINBERG & OTERO-IGLESIAS, 2023). Países como Irã, Turquia e Índia também avançam no uso de moedas próprias em contratos regionais (REUTERS, 2024).

#### **6.4 O desafio da governança e a transição para um sistema multipolar**

A substituição do dólar não será imediata nem simples. Requer confiança institucional, estabilidade macroeconômica e infraestrutura financeira robusta. No entanto, há um movimento concreto em direção à descentralização. A digitalização dos sistemas de pagamento — como o e-CNY da China, o e-Naira da Nigéria e o Drex no Brasil — marca uma nova etapa na busca por autonomia monetária (ATLANTIC COUNCIL, 2024; PBOC, 2023; BCB, 2023).

Conforme Ilene Grabel (2021), a crescente fragmentação do sistema monetário global — com o surgimento de várias moedas e redes financeiras — pode ser compreendida como uma resposta racional aos riscos concentrados em uma única moeda hegemônica. Esse movimento em direção a um sistema multipolar pode aumentar a estabilidade e promover relações econômicas mais justas.

Assim, a segurança monetária passa a ser não apenas uma questão técnica, mas uma dimensão estratégica da soberania nacional e da governança global.

## **7. O PAPEL DO BRASIL NOS NOVOS MODELOS PRODUTIVOS**

O Brasil reúne uma combinação rara de ativos estratégicos que o qualificam como protagonista na nova configuração da produção industrial e comercial global. Sua extensão territorial, diversidade de recursos naturais, base industrial diversificada, liderança agrícola e posição geográfica favorável entre quatro continentes o colocam como candidato natural à integração produtiva internacional.

### **7.1 Potencial logístico e posição geoestratégica**

O Brasil ocupa posição privilegiada no Atlântico Sul, com acesso aos mercados africanos, europeus e norte-americanos. Seus portos atlânticos, como Santos, Paranaguá e Suape, podem se tornar hubs logísticos de exportação e reexportação de insumos, conectando América Latina,

África e Ásia, conforme analisado por Machado et al. (2013) ao tratarem da inserção estratégica do porto de Suape em rotas globais.

A infraestrutura logística ainda carece de modernização e integração multimodal. Projetos como a Ferrogrão, a extensão da Norte-Sul, o Arco Norte e a ampliação de portos com sistemas de dragagem contínua são essenciais para tornar o país competitivo no cenário logístico global. Segundo o Plano Nacional de Logística 2035, investimentos de R\$ 500 bilhões seriam necessários para eliminar os principais gargalos até 2040.

## **7.2 Produção agrícola, industrial e energética como trunfos**

O Brasil é o maior exportador mundial de soja, carne bovina, café e suco de laranja, além de ser um dos líderes em milho, celulose e frango. Essa força agroindustrial o coloca como peça-chave na segurança alimentar global.

No setor energético, destaca-se pela matriz limpa: cerca de 83% da eletricidade brasileira provém de fontes renováveis (ANEEL, 2023), com destaque para hidrelétricas, eólica, solar e biomassa. O etanol e o biodiesel complementam a competitividade energética do país.

Na indústria, o Brasil possui um parque diversificado com polos automotivos, petroquímicos, farmacêuticos e aeronáuticos. A Embraer, por exemplo, é líder mundial em aeronaves de médio porte. A reindustrialização com base em tecnologias limpas e digitalização pode posicionar o país como fornecedor global de manufaturados estratégicos.

## **7.3 Diplomacia econômica e papel internacional**

O Brasil é signatário do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP) e tem tradição diplomática de neutralidade e defesa do multilateralismo. Essa posição lhe confere legitimidade para atuar como mediador em conflitos e articulador de coalizões internacionais por maior equilíbrio econômico.

A participação no BRICS, no G20 e em iniciativas como o Fórum CELAC-China e o IBAS (Índia, Brasil e África do Sul) permite que o país proponha acordos produtivos integrados com blocos do Sul Global. Essa postura diplomática está alinhada com a visão expressa por Celso Amorim em sua análise da política externa brasileira, na qual defende uma atuação ativa e altiva no cenário internacional (AMORIM, 2015).

Apesar das vantagens, o Brasil enfrenta obstáculos internos — como baixa produtividade industrial, burocracia tributária, insegurança jurídica e deficiência em educação técnica. Superar esses entraves exigirá planejamento estratégico de longo prazo, investimentos em inovação e estabilidade regulatória (WEF, 2018).

A atração de empresas âncoras para zonas francas e parques industriais tecnológicos, a integração com países vizinhos por meio do Mercosul, e a adesão a acordos comerciais de nova geração (com cláusulas de sustentabilidade, inovação e digitalização) serão fundamentais.

Assim, o Brasil tem todas as condições de se tornar uma plataforma de produção, inovação e logística para os novos mercados internacionais, desde que alinhe seu potencial econômico à sua vocação diplomática e ambiental.

## CONCLUSÃO

O século XXI tem testemunhado transformações profundas na dinâmica econômica global, marcadas por pandemias, guerras regionais, crises logísticas, inflação internacional e reconfiguração de cadeias produtivas. Esses fenômenos tornaram visíveis as fragilidades de um modelo excessivamente centralizado e linear de produção e distribuição. Como demonstrado ao longo deste artigo, a segurança global — produtiva, alimentar, energética e monetária — depende cada vez mais de uma abordagem integrada, resiliente e multilateral.

A diversificação geográfica da produção, a valorização de estoques estratégicos, o investimento em inovação tecnológica, a construção de redes logísticas robustas e o uso coordenado de moedas alternativas são elementos centrais para a estabilidade dos mercados internacionais. Modelos de teia produtiva, alianças econômicas regionais e novas infraestruturas digitais e físicas se consolidam como estratégias eficazes para mitigar riscos e garantir continuidade produtiva mesmo diante de choques sistêmicos.

Neste contexto, os países emergentes, especialmente o Brasil, têm papel fundamental. Com vocação agrícola, energética, industrial e diplomática, o Brasil pode se posicionar como elo integrador entre continentes e entre sistemas econômicos distintos. A partir de reformas estruturais, acordos estratégicos e uma política externa proativa, o país tem capacidade de liderar um novo paradigma de produção internacional baseada em sustentabilidade, descentralização e soberania cooperativa.

Por fim, a consolidação de uma ordem produtiva global mais equitativa dependerá também do fortalecimento de redes de pesquisa colaborativa, da formação técnica especializada e da construção de marcos regulatórios internacionais orientados à justiça econômica e ambiental. O conhecimento, a inovação e a cooperação serão, cada vez mais, os motores estratégicos da segurança global.

### Referências bibliográficas:

AGÊNCIA NACIONAL DE ENERGIA ELÉTRICA – ANEEL. Matriz elétrica brasileira cresce mais de 1,2 GW em agosto. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/aneel/pt-br/assuntos/noticias/2023/matriz-eletrica-brasileira-cresce-mais-de-1-2-gw-em-agosto>. Acesso em: 05 jun. 2025.

Alicke, Knut; Barriball, Ed; Trautwein, Vera. How COVID-19 is reshaping supply chains. McKinsey & Company. 2020.

AMORIM, Celso. Memórias da política externa ativa e altiva. São Paulo: Benvirá, 2015 (2.<sup>a</sup> ed. 2018).

ATLANTIC COUNCIL. Central bank digital currency momentum growing, study shows. Reuters, 17 set. 2024. Disponível em <<https://www.reuters.com/markets/currencies/central-bank-digital-currency-momentum-growing-study-shows-2024-09-17/>> Acesso em: 07 jun. 2025.

BALDWIN, Richard. Global Supply Chains: Why They Emerged, Why They Matter, and Where They Are Going. Working Paper, Graduate Institute Geneva, July 2012. p. 3. Disponível

em: <<https://www.asiaglobalinstitute.hku.hk/storage/app/media/pdf/richard-baldwin.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2025.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). FAQ - Drex – Digital Brazilian Real. Brasília: BCB, 2023. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/en/financialstability/faq-drex>>. Acesso em: 07 jun. 2025.

BATISTA JR., Paulo Nogueira. BRICS: Geopolitics and monetary initiatives in a multipolar world – how could a new international reserve currency look like? Documento apresentado no BRICS Seminar on Governance & Cultural Exchange Forum, Moscou, 23 set. 2024. Disponível em: <<https://www.nogueirabatista.com.br/wp-content/uploads/2024/10/BRICS-Geopolitics-and-monetary-initiatives-in-a-multipolar-world-%E2%80%93-how-could-a-new-international-reserve-currency-look-like.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2025.

BHARTI, Mukesh Shankar; KUMARI, Suprabha. China's Belt and Road Initiative in Southeast Asia and its implications for ASEAN-China strategic partnership. *Asian Review of Political Economy*, [S.l.], v. 3, art. 22, 3 dez. 2024. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s44216-024-00042-4>>. Acesso em: 01 jul. 2025.

BLOOMBERG. Oil Prices Rise as Israel-Iran Conflict Continues. Bloomberg, 16 jun. 2025. (vídeo/notícia). Acesso em: 29 jun. 2025.

BOLTON, Dan. Container freight rates hit new extremes, up 6×: Asia–US–Europe peak shipping. *Wolf Street*, 9 jul. 2021. Disponível em: <<https://wolfstreet.com/2021/07/09/container-freight-rates-hit-new-extremes-up-6x-asia-to-us-europe-peak-shipping-season-still-ahead/>>. Acesso em: 14 jun. 2025.

BOWN, Chad P. Russia's war on Ukraine: A sanctions timeline. \*Peterson Institute for International Economics\*, Washington, 31 dez. 2023. Disponível em: <<https://www.piie.com/blogs/realtime-economics/2022/russias-war-ukraine-sanctions-timeline>>. Acesso em: 09 jun. 2025.

BROOKINGS INSTITUTION. RCEP: a new trade agreement that will shape global economics and politics. Brookings, nov. 2020. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/articles/rcep-a-new-trade-agreement-that-will-shape-global-economics-and-politics/>>. Acesso em: 14 jun. 2025.

CHANG, Ha-Joon. Should industrial policy in developing countries conform to comparative advantage or defy it? A debate between Justin Lin and Ha-Joon Chang. *Development Policy Review*, Oxford, v. 27, n. 5, p. 483–502, Sept. 2009. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/296845922\\_Should\\_Industrial\\_Policy\\_in\\_Developing\\_Countries\\_Conform\\_to\\_Comparative\\_Advantage\\_or\\_Defy\\_it\\_A\\_Debate\\_Between\\_Justin\\_Lin\\_and\\_Ha-Joon\\_Chang](https://www.researchgate.net/publication/296845922_Should_Industrial_Policy_in_Developing_Countries_Conform_to_Comparative_Advantage_or_Defy_it_A_Debate_Between_Justin_Lin_and_Ha-Joon_Chang)> Acesso em: 23 jun. 2025.

COGO INTELIGÊNCIA EM AGRONEGÓCIO; COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO (CONAB). Déficit de armazenamento de grãos no Brasil supera 100 milhões de toneladas por safra. 2021. Disponível em: <<https://pivot.com.br/noticias-da-pivot/com-deficit-de-armazenagem-de-100-milhoes-de-toneladas-por-safra-silos-bolsas-viram-alternativa/>>. Acesso em: 17 Jun. 2025.

DUKE GLOBAL VALUE CHAINS PROJECT. Chapter 3: Korea and the electronics global value chain. In: CORNFORD, T. (org.). Korea and the electronics global value chain. Durham (NC): Duke University, 2016. p. 29–45. Disponível em: <[https://www.globalvaluechains.org/wp-content/uploads/Duke\\_KIET\\_Korea\\_and\\_the\\_Electronics\\_GVC\\_CH\\_3.pdf](https://www.globalvaluechains.org/wp-content/uploads/Duke_KIET_Korea_and_the_Electronics_GVC_CH_3.pdf)>. Acesso em: 14 jun. 2025.

DUKE GLOBAL VALUE CHAINS PROJECT. Chapter 3: Korea and the electronics global value chain. In: CORNFORD, T. (org.). Korea and the electronics global value chain. Durham (NC): Duke University, 2016. p. 29–45. Disponível em: <[https://www.globalvaluechains.org/wp-content/uploads/Duke\\_KIET\\_Korea\\_and\\_the\\_Electronics\\_GVC\\_CH\\_3.pdf](https://www.globalvaluechains.org/wp-content/uploads/Duke_KIET_Korea_and_the_Electronics_GVC_CH_3.pdf)>. Acesso em: 09 jun. 2025.

EMBRAPA. Agricultura de precisão: tecnologias e inovações. Brasília: Embrapa, 2021. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/agricultura-de-precisao>>. Acesso em: 17 Jun. 2025.

EMPRESA DE PLANEJAMENTO E LOGÍSTICA (EPL). Relatório de Calibração do modelo do Plano Nacional de Logística 2035. Brasília: EPL/Infra S.A., 2021. p. 8-9. Disponível em: <[https://www.gov.br/transportes/pt-br/assuntos/PIT/Relatorio\\_PNL\\_Calibracao\\_2017\\_V03.pdf](https://www.gov.br/transportes/pt-br/assuntos/PIT/Relatorio_PNL_Calibracao_2017_V03.pdf)>. Acesso em: 30 jun. 2025.

FAJGELBAUM, Pablo D. et al. The return to protectionism. \*NBER Working Paper\*, n. 29315, p. 1–56, out. 2020. Disponível em: <[https://www.nber.org/system/files/working\\_papers/w29315/w29315.pdf](https://www.nber.org/system/files/working_papers/w29315/w29315.pdf)>. Acesso em: 15 de Jun. 2025.

FAO; IFAD; UNICEF; WFP; WHO. The State of Food Security and Nutrition in the World 2023: Urbanization, agrifood systems transformation and healthy diets across the rural–urban continuum. Rome: FAO, 2023. Disponível em: <<https://www.fao.org/3/cc3017en/online/cc3017en.html>>. Acesso em: 15 jun. 2025.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO). Digital agriculture: Farmers in the driver’s seat. Rome: FAO, 2020. Disponível em: <<https://www.fao.org/3/cb3434en/cb3434en.pdf>>. Acesso em: 17 Jun. 2025.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO). The State of Food and Agriculture: Climate Change, Agriculture and Food Security. Rome: FAO, 2022. Disponível em: <<https://www.fao.org/3/cb4476en/online/cb4476en.html>>. Acesso em: 17 Jun. 2025.

GOLDEMBERG, José; COELHO, Suani Teixeira; GUARDABASSI, Patricia; NASTARI, Plínio Mário. Bioethanol from Sugar: The Brazilian Experience. In: MEYERS ENCYCLOPEDIA OF SUSTAINABILITY SCIENCE AND TECHNOLOGY, 2. ed., vol. ? [S.l.], 2019. p. ? (citação: “o Proálcool representou uma inovação institucional e tecnológica com resultados ambientais e econômicos expressivos”).

GRABEL, Ilene. Post-American moments in global financial governance: Working Paper No. 511. Amherst (MA): Political Economy Research Institute, University of Massachusetts Amherst, jan. 2021. p. 8-16. Disponível em: <<https://ilenegrabel.com/wp->

content/uploads/2023/05/grabel-ilene-post-american-december-14-2020-pdf.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2025.

GRAZIANO DA SILVA, José. A agenda da riqueza sustentável. Brasília: Nações Unidas Brasil, 27 abr. 2015. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/69295-artigo-agenda-da-riqueza-sustentavel-josé-graziano-da-silva-diretor-geral-da-fao>>. Acesso em: 15 Jun. 2025.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION (ILO). Viet Nam's electronics supply chain development. Geneva: ILO, 2022. p. 1–35. Disponível em: <[https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/@ed\\_dialogue/@sector/documents/publication/wcms\\_865520.pdf](https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/@ed_dialogue/@sector/documents/publication/wcms_865520.pdf)>. Acesso em: 14 jun. 2025.

INTERNATIONAL SERVICE FOR THE ACQUISITION OF AGRI-BIOTECH APPLICATIONS (ISAAA). Global Status of Commercialized Biotech/GM Crops in 2022. Ithaca, NY: ISAAA, 2023. Disponível em: <<https://www.isaaa.org/resources/publications/briefs/Report%202043/default.asp>>. Acesso em: 17 Jun. 2025.

KUDRENKO, Ivan. The new era of American manufacturing: evaluating the risks and rewards of reshoring. In: **\*\*Titds2023 Conference\*\***, Charleston (SC): Independent Researcher, 2023. p. 1–10. Disponível em: <[https://www.e3s-conferences.org/articles/e3sconf/pdf/2024/01/e3sconf\\_titds2023\\_05020.pdf](https://www.e3s-conferences.org/articles/e3sconf/pdf/2024/01/e3sconf_titds2023_05020.pdf)>. Acesso em: 14 jun. 2025.

KURLANTZICK, Joshua. The RCEP signing and its implications. Council on Foreign Relations, 16 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.cfr.org/blog/rcep-signing-and-its-implications>>. Acesso em: 14 jun. 2025.

KURLANTZICK, Joshua. The RCEP signing and its implications. Council on Foreign Relations, 16 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.cfr.org/blog/rcep-signing-and-its-implications>>. Acesso em: 09 jun. 2025.

KURNIAWAN, Andi; LUTFI, Khoirur Rizal. Impact of the US-China trade war on foreign trade of emerging economies: Brazil, South Africa and Indonesia. *Jurnal Ilmu Sosial dan Ilmu Politik*, Jakarta, v. 27, n. 2, p. 157–175, nov. 2023.

MACHADO, Isabel Lopes Perides et al. O porto de Suape como hub port no Atlântico Sul: análise de sua inserção em rotas globais. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013. Disponível em: <repositório da UFPE>. Acesso em: 07 jun. 2025.

MEDVEDEV, Dmitry. [Declaração sobre soberania monetária]. Citação em: ASSOCIATED PRESS. Medvedev says sovereignty monetary is as strategic as military. *\*AP News\**, 15 mar. 2022. Disponível em: <<https://apnews.com/article/medvedev-russia-sovereignty-comment-2022>>. Acesso em: 09 jun. 2025.

OECD. Understanding the resilience of fertiliser markets to shocks. OECD Food, Agriculture and Fisheries Paper No. 208. Paris: OECD Publishing, 2024.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OECD). COVID-19 and Global Value Chains: Policy Options to Build More Resilient Production Networks. Paris: OECD Publishing, 2020. Disponível em:

<[https://www.oecd.org/coronavirus/policy-responses/covid-19-and-global-value-chains-policy-options-to-build-more-resilient-production-networks\\_f2e0f3b6/](https://www.oecd.org/coronavirus/policy-responses/covid-19-and-global-value-chains-policy-options-to-build-more-resilient-production-networks_f2e0f3b6/)>. Acesso em: 10 jun. 2025.

PEOPLE'S BANK OF CHINA (PBOC). 2023 Annual Report on International Use of RMB. Beijing: PBOC, 2023. Disponível em: <<https://www.bofit.fi/wp-content/uploads/2024/2025-Riding-the-waves-Stocktaking-RMB-Internationalization-Development.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2025.

PEOPLE'S BANK OF CHINA (PBOC). 2023 Annual Report on International Use of RMB. Beijing: PBOC, 2023. Disponível em: <<http://www.pbc.gov.cn/en/3688241/3688636/3828468/4756463/5163932/2023120819545781941.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2025.

REUTERS. Erdogan eyeing more trade with Iran, weighing opening new border. Reuters, 25 jan. 2024. Disponível em: <<https://www.reuters.com/world/middle-east/erdogan-eyeing-more-trade-with-iran-says-turkey-weighing-opening-new-border-2024-01-25/>>. Acesso em: 07 jun. 2025.

REUTERS. Oil prices up nearly 3% as Israel-Iran conflict escalates. Reuters, 19 jun. 2025. Disponível em: <<https://www.reuters.com/business/energy/oil-falls-investors-weigh-chance-us-intervention-iran-israel-conflict-2025-06-19/>>. Acesso em: 29 jun. 2025.

ROBLES, Rafael. One Belt One Road Initiative and Its Implications for Latin America. Business & Management Review, [S.l.], s.d. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/372597726\\_One\\_Belt\\_One\\_Road\\_Initiative\\_and\\_Its\\_Implications\\_for\\_Latin\\_America](https://www.researchgate.net/publication/372597726_One_Belt_One_Road_Initiative_and_Its_Implications_for_Latin_America)>. Acesso em: 01 jul. 2025.

RODRIK, Dani. An industrial policy for good jobs. Brookings Institution, Washington, 28 set. 2022. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/articles/an-industrial-policy-for-good-jobs/>>. Acesso em: 15 de Jun. 2025.

ROJAS, Melanie; SHERWOOD, Jesse; ROUTH, Adam; et al. Reshaping supply chains to improve economic resilience: reshoring and friendshoring supply chains. Deloitte Insights, 24 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.deloitte.com/us/en/insights/industry/government-public-sector-services/government-trends/2022/reshoring-global-supply-chains.html>>. Acesso em: 14 jun. 2025.

Sheffi, Yossi & Rice Jr., James B. "A Supply Chain View of the Resilient Enterprise." MIT Sloan Management Review, Fall 2005, vol. 47, no. 1, p. 41–48.

Smith, Heather W. "The Semiconductor Crisis: Addressing Chip Shortages And Security." Forbes, 19 jul. 2024.

STEINBERG, Federico; OTERO-IGLESIAS, Miguel. South America's 'Common Currency' Is Actually about De-dollarization. Birmingham: CSIS, 14 fev. 2023. Disponível em: <<https://www.csis.org/analysis/south-americas-common-currency-actually-about-re-dollarization>>. Acesso em: 07 jun. 2025.